

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

MATIZES NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA



Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Matizes na Literatura Contemporânea

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M433	Matizes na literatura contemporânea [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-635-5 DOI 10.22533/at.ed.355192709 1. Literatura – História e crítica. I. Sousa Ivan Vale de. CDD 809
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A necessidade de ensinar literatura na escola e tomá-la como objeto de ensino no contexto da sala de aula encontra mais espaço quando as propostas de aprendizagem são diversificadas, considerando os diferentes níveis de conhecimentos e os interesses dos estudantes nas finalidades de analisar e investigar o texto literário.

Muitas são as finalidades de ensino da literatura na escola e a identidade deste livro reafirma que as matrizes da literatura na contemporaneidade encontram-se no espaço de efetivação da sala de aula as razões que amplie o processo de formação literária e humanista dos sujeitos. Com o acesso à literatura todos saem ganhando: aprende quem ensina e ensina quem aprende, por isso os dez capítulos que dão formatos a esta obra têm a finalidade de fazer pensar, de demonstrar que na constituição dos múltiplos textos literários há muitas políticas de resistência e de transformação das concepções de mundo dos sujeitos.

No primeiro capítulo a Amazônia brasileira é analisada a partir do texto de natureza literária *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum, porque a narrativa põe em pauta questões contundentes para o debate como os processos migratórios. No segundo capítulo as representações femininas nos romances alencarianos são analisadas a partir de um olhar sob a ótica da classe patriarcal romântica brasileira nas obras *Lucíola* e *Senhora*.

No terceiro capítulo as narrativas orais são discutidas com a finalidade de destacar que elas têm muito a nos ensinar, bastante a dizer, além disso, o autor problematiza a necessidade de documentá-las, apresentando duas narrativas da cidade Parauapebas, sudeste do Pará. No quarto capítulo os efeitos da narrativa fantástica têm espaço de discussão e análise a partir do estudo realizado em que o leitor é convidado a inserir-se no processo de interpretação.

No quinto capítulo o autor apresenta ao leitor algumas notas sobre a literatura de Andy Warhol. No sexto capítulo pontuam-se certas constantes do imaginário religioso, sua relevância em cada narrativa e também na instauração do questionamento sobre a verdade oculta que rege o universo, na busca do “aprender a viver”, acentuada preocupação do autor mineiro.

No sétimo capítulo discute-se uma obra literária sob a perspectiva da teoria dos direitos humanos que tem se ocupado em debater o fenômeno da imigração e, mais recentemente, a crise dos refugiados pelo mundo. No oitavo capítulo analisa-se o romance norte-americano *Once in a Promised Land* como uma crítica à propagação de estereótipos negativos em relação a árabes e muçulmanos, principalmente, imigrantes dos Estados Unidos no contexto pós Onze de Setembro.

No nono capítulo tecem-se algumas considerações a respeito da importância da crítica textual e da divulgação de obras de autores como Machado de Assis e Eça de Queirós como atos de resistência aos ataques conservadores e fascistas que o campo progressista combate também na atualidade. Por fim, no décimo e último

capítulo o autor propõe uma análise com focalização na resistência do negro contra o poder do senhorio ainda vigente, mesmo após a abolição da escravatura.

Entender as diferentes matrizes da literatura na contemporaneidade pressupõe aceitar o convite de análise de todos os dez capítulos que dão sentidos e formas a esta obra. Assim sendo, resta-nos desejar aos diversos leitores, interlocutores desta obra, que tenham ótimas reflexões.

Ivan Vale de Sousa
O Organizador.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A AMAZÔNIA BRASILEIRA RETRATADA FORA DO BINARISMO PARAÍSO/INFERNO VERDE EM CINZAS DO NORTE DE MILTON HATOUM	
Ivanete da Silva Alves	
DOI 10.22533/at.ed.3551927091	
CAPÍTULO 2	12
AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NOS ROMANCES ALENCARIANOS: UM OLHAR SOB A ÓTICA DA CLASSE PATRIARCAL ROMÂNTICA BRASILEIRA EM <i>LUCÍOLA E SENHORA</i>	
André Luiz Lunardelli Coiado	
DOI 10.22533/at.ed.3551927092	
CAPÍTULO 3	24
O QUE SE APRENDE QUANDO SE ENSINAM NARRATIVAS ORAIS NA ESCOLA?	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.3551927093	
CAPÍTULO 4	34
EFEITOS DA NARRATIVA FANTÁSTICA: INQUIETANTE, ESTRANHO E METAEMPÍRICO	
Lilian Lima Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.3551927094	
CAPÍTULO 5	41
NOTAS SOBRE A LITERATURA DE ANDY WARHOL	
Tiago Leite Costa	
DOI 10.22533/at.ed.3551927095	
CAPÍTULO 6	48
O IMAGINÁRIO RELIGIOSO NO UNIVERSO ROSIANO: O DIVINO NAS COISAS TERRENAS	
Edna Tarabori Calobrezi	
DOI 10.22533/at.ed.3551927096	
CAPÍTULO 7	60
O PÚBLICO E O PRIVADO: O LUGAR DO (A) IMIGRANTE NA SOCIEDADE CANADENSE ATRAVÉS DE UM ROMANCE	
Tacel Ramberto Coutinho Leal	
DOI 10.22533/at.ed.3551927097	
CAPÍTULO 8	68
LITERATURA E RESISTÊNCIA: LAILA HALABY PUBLICA <i>ONCE IN A PROMISED LAND</i>	
Loiva Salete Vogt	
DOI 10.22533/at.ed.3551927098	
CAPÍTULO 9	80
PELO RESGATE DE UMA LITERATURA DE RESISTÊNCIA E DE COMBATE: PREPARAÇÃO DE EDIÇÕES CRÍTICAS DE OBRAS DE MACHADO DE ASSIS E DE EÇA DE QUEIRÓS	
Ceila Maria Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.3551927099	

CAPÍTULO 10	88
“CACHAÇA”: O CONSOLO DE UMA LUTA POR INSERÇÃO SOCIAL Edvaldo Santos Pereira DOI 10.22533/at.ed.35519270910	
SOBRE O ORGANIZADOR	95
ÍNDICE REMISSIVO	96

A AMAZÔNIA BRASILEIRA RETRATADA FORA DO BINARISMO PARAÍSO/INFERNO VERDE EM CINZAS DO NORTE DE MILTON HATOUM

Ivanete da Silva Alves

Universidade Federal de Minas Gerais
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Belo Horizonte – Minas Gerais

RESUMO: A imagem de “paraíso/inferno verde” que circula entorno da região amazônica foi divulgada mundo a fora pelo imaginário externo. Contudo, a visão dúbia nega a multiplicidade desse espaço. Diante disso, entende-se que é interessante pensar a Amazônia fora da ideia binária, dando relevo ao caráter complexo e heterogêneo que ela apresenta. Para essa reflexão toma-se como objeto de análise o texto de natureza literária *Cinzas do norte* (2005), de Milton Hatoum porque a narrativa põe em pauta questões contundentes para o debate, como os processos migratórios.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; paraíso; inferno; heterogeneidade; Milton Hatoum.

THE BRAZILIAN AMAZON PORTRAYED OUT OF PARADISE / GREEN HELL BINARISM IN CINZAS DO NORTE, BY MILTON HATOUM

ABSTRACT: The image of “paradise / green hell” that circulates around the Amazon region was disseminated worldwide by the external imagination. However, the doubtful view denies the multiplicity of this space. Given this, it is

understood that it is interesting to think of the Amazon outside the binary idea, highlighting to the complex and heterogeneous character that it presents. For this reflection is taken as an object of analysis the text of literary nature *Cinzas do norte* (2005), by Milton Hatoum because the narrative sets out forceful questions for the debate, as the migratory processes.

KEYWORDS: Amazon; Paradise; Hell; Heterogeneity; Milton Hatoum.

1 | INTRODUÇÃO

Há uma imagem estabelecida da Amazônia que é oriunda de uma perspectiva homogeneizante. Essa percepção encontra-se pautada desde o início da ocupação europeia, pelo olhar do colonizador. Tal olhar enxergou a região como uma terra virgem e selvagem, fonte inexploradas de riquezas e habitada por pessoas primitivas. Dessa maneira, sustentou-se uma representação essencialista do lugar a qual se fixou no imaginário coletivo.

Contudo, “esse verdadeiro consenso que existe a respeito do que seja a Amazônia é, na verdade, uma imagem que foi contraditoriamente construída ao longo da história”, constituindo “mais uma imagem sobre a região do que da região” (GONÇALVES, 2005: 17). As representações que repousam

em uma essência não condizem com esse lugar: além dele ser habitado por diferentes grupos indígenas, ele também foi palco de vários processos migratórios ao longo de sua ocupação o que lhe garante multiplicidade social, política e cultural. Tudo isso contribui para questionar as visões homogeneizantes. É objetivando adentrar nesse debate que se propõe refletir sobre a heterogeneidade da Amazônia brasileira neste trabalho, o qual contou como objeto de análise o romance, *Cinzas do norte*, de Milton Hatoum porque tal obra recria a Amazônia dando visibilidade ao aspecto plural dos sujeitos e do espaço.

A obra hatouniana publicada em 2005 é ambientada no estado do Amazonas. O enredo é movido por conflitos pessoais, familiares e coletivos que se desenrolam num período que vai de 1950 até o início dos anos 1980, perpassando assim toda a vigência da Ditadura Militar brasileira. Na narrativa, Manaus é o espaço ficcional de maior relevo, uma vez que a história narrada nesse texto se passa predominantemente no ambiente urbano. A selva e o meio rural aparecem com menos destaque. O próprio escritor fala a respeito do espaço de suas narrativas: “O norte dos meus romances é uma cidade, Manaus, que mantém vínculos fortes com o interior do Amazonas” (HATOUM, 2006b, s/p). Em entrevista para um grupo acadêmico da Universidade Estadual do Norte do Paraná, o escritor dá uma explicação sobre essa opção:

Porque eu nasci em Manaus, eu sou de lá, nasci numa família amazonense, de imigrantes, e a minha infância, também minha primeira juventude, foram passadas em Manaus. [...] Então, muita coisa do meu primeiro romance, de todos na verdade, tem a ver com esse mundo, com esse pequeno mundo de Manaus e um pouco também com o interior do Amazonas que eu conheço, vamos dizer, profundamente. (HATOUM, 2016: 131)

O livro mostra uma urbe complexa e diversificada em decorrência das migrações. Compreendemos que assim, Hatoum constrói um ambiente ficcional que problematiza os pensamentos de unidades e as organizações binárias. Por isso nesse trabalho vamos nos deter a tentar mostrar como a narrativa dá relevo heterogeneidade étnica, social e cultural.

2 | A PLURALIDADE ÉTNICA

O texto hatouniano, ao focalizar Manaus, põe em relevo a pluralidade da Amazônia e evidencia que tal aspecto é o resultado dos processos migratórios para esse lugar, os quais ocorreram em diversas épocas como no período de expansão da borracha – que de acordo com Weinstein (1993) se deu efetivamente entre 1850-1920.

Nesse contexto, a região tornou-se uma referência em comércio. Isso atraiu diversos indivíduos em busca de melhor situação econômica. Alguns migrantes foram em direção ao espaço da selva, outros viram no meio urbano mais probabilidade de êxito, o que levou à expansão de algumas cidades. Manaus, por exemplo, cresceu

bastante, pois muitas pessoas enxergaram nela uma perspectiva de sucesso financeiro. Como essas pessoas vinham de origens distintas, Manaus passou a ser fortemente marcada pela multiplicidade. Hatoum observa isso ao escrever sobre sua cidade natal.

Além dos nativos (índios e mestiços), a cidade abrigou um grande contingente de nordestinos que, ao fugirem da seca do sertão, povoaram os seringais e as cidades da Amazônia. Muitos estrangeiros (portugueses, espanhóis, italianos, alemães, ingleses, sírios e libaneses e judeus marroquinos) desembarcaram em Manaus já na década de 1880. (HATOUM, 2006a: 55).

Esses forasteiros tiveram papel relevante na estruturação do aspecto atual do meio rural e urbano. Eles, “foram responsáveis pela dinamização do comércio, serviços urbanos e atividades terciárias. Alguns eram regatões e faziam a ponte entre a capital e o interior do Amazonas. Muitos, sobretudo os mais pobres, trabalhavam na construção civil” (HATOUM, 2006a: 55). *Cinzas do norte* focaliza a importância dos estrangeiros no ambiente amazônico. Um exemplo disso é o destaque à migração japonesa. A obra fala do personagem Oyama, que “viera com a família em 1934” (HATOUM, 2005: 70) e, realça que,

Mais tarde chegaram dezenas de jovens agrônomos de Tóquio, passaram uns dias na Vila Amazônia e viajaram para o rio Andirá, onde fundaram uma colônia. Tinham construído um pequeno hospital, uma escola agrícola e Okayama Ken: uma vila onde até hoje moravam os trabalhadores mais antigos. (HATOUM, 2005: 70).

A narrativa mostra que a vinda dos orientais aumentou a misturas de raças. “Tiveram filhos com mulheres daqui: jovens mestiços, metade índios, metade orientais, trabalhadores e forçados” (HATOUM, 2005: 70). A miscigenação também é evidenciada no trecho que segue: “uma família antiga, americanos que fugiram da Guerra de Secessão e se fixaram no Pará. Os herdeiros venderam o seringal para uma família inglesa, e hoje todos são brasileiros, caboclos com sobrenome inglês” (HATOUM, 2005: 77).

Assim, o romance focaliza a mestiçagem como uma amostra da heterogeneidade do lugar. Mas a obra não se detém apenas na multiplicidade étnica, já que concede relevo à pluralidade social decorrente das migrações ao focalizar Manaus habitada por diferentes sujeitos os quais Pellegrini (2007: 101) os chama de “estratos humanos”, “o estrato indígena, o do imigrante estrangeiro, o do migrante de outras regiões do país”.

3 | A MULTIPLICIDADE SOCIAL

A Manaus evidenciada na narrativa encontra-se em transformações diante do projeto de modernização que visavam imprimir uma nova imagem à cidade e acompanhar as mudanças que haviam ocorrido ou estavam ocorrendo no país. Na descrição de Slater (2007: 355), pode-se perceber o aspecto da urbe: “Um conjunto

de fábricas sem árvores, hotéis e lojas de importação que revelam uma mistura de culturas que florescem nas ruas enlameadas dos fundos e nas novas estradas de concreto”.

Nesse momento de transformações, a narrativa evidencia que a capital recebeu investidores que acreditavam na prosperidade do lugar, como empresários que viam a Amazônia propícia para certos negócios, a exemplo dos voltados à industrialização, como nota-se na narrativa (2005: 169). Contudo, a urbe também atraiu muitas pessoas pobres esperançosas por melhorias, mas que geralmente não as encontravam. Diante disso, a obra pontua cenários de misérias e, desse modo, dá relevo às contradições do progresso.

A narração mostra vários exemplos de pessoas vivendo em estado de exclusão total, como os mendigos nas ruas de Manaus: “Uma mulher idosa veio rastejando; ficou agachada aos pés de Arana [...] pressentia a sombra da mulher aos pés dele. [...] tirou da carteira um cédula, a dobrou e atirou ao tronco da árvore. Olhou para a roda de mendigos e fez uma careta de asco” (HATOUM, 2005: 226). Outra representação de sujeitos renegados são as prostitutas. Na grande maioria, meninas do interior que procuravam a urbe com intuito de melhorar de vida, mas deparavam-se com a miséria e a exploração (HATOUM, 2005: 147). Os vendedores ambulantes também são rejeitados socialmente: “O peixeiro virou o rosto para a nossa mesa, meu tio o cumprimentou. ‘Ele vai morrer na porta de uma casa da Frei José dos Inocentes antes de vender a última fiada de sardinhas. Vai cair durinho, de pés inchados, estorricado pela insolação.’” (HATOUM, 2005: 102). São pessoas que passam toda a existência sem visibilidade.

O vendedor de melancias, coxo e desdentado, era um velho conhecido na Vila da Ópera. Enfiou a cabeça no vão da janela: a patroa estava na igreja? Com as mãos trêmulas, abaixou o tabuleiro, pôs umas fatias suculentas num pedaço de papel e pediu que as entregasse a minha tia. Parecia um ambulante imortal, outro que sobreviveria a mais um Quinze de Novembro da nossa história. Dei-lhe uns trocados, e ele saiu mancando naquela tarde quente. (HATOUM, 2005: 173)

A situação dos povos nativos focalizada na narrativa também assinala esse regime de exclusão: “Uma família de índios catando as moedas que jogara; moravam ali, entre o gradil e a fachada da casa em ruínas” (HATOUM, 2005: 39). Sobre esses povos, Galeano (2015: 79) observa que eles “participam como vítimas, de uma ordem econômico-social em que desempenham o duro papel de os mais explorados entre os explorados”.

A narrativa evidencia vários espaços tomados por misérias como o bairro Novo Eldorado, criado pelo prefeito, o coronel Zanda, para abrigar pessoas empobrecidas, como os ribeirinhos os quais viviam da pesca e que, como consequência do processo de modernização e embelezamento de Manaus, foram desalojados de suas antigas moradias. A fala do protagonista Raimundo revela tal ação: “Os moradores da beira do rio. Foram jogados no outro lado da cidade. A área foi toda desmatada, construíram umas casas.” (HATOUM, 2005: 144). O aspecto do lugar é pontuado pela narração:

Mundo contou que no internato tinha pesadelos com a paisagem calcinada: a floresta devastada ao norte de Manaus. Visitara as casinhas inacabadas do Novo Eldorado, andara pelas ruas enlameadas. Casinhas sem fossa, um fedor medonho. Os moradores reclamavam: tinham que pagar para morar mal, longe do centro, longe de tudo. Queriam voltar para perto do rio. Alguns haviam trazido canoas, remos, malhadeiras, arpões; a cozinha, um cubículo quente; por isso, levaram o fogareiro para a rua de terra batida e preparavam a comida ali mesmo. Ele dormira na casa da família do Cará. O sol da tarde esquentava as paredes, o quarto era um forno, pior que o dormitório do internato. Os moradores do Novo Eldorado eram prisioneiros em sua própria cidade. (HATOUM, 2005: 148).

O espaço degradante desse bairro levou o protagonista, Raimundo (Mundo), a confrontar o governo por meio de sua arte. Ele produziu o “Campo de cruces”, a obra mais significativa, no que se refere ao embate com a Ditadura Militar e a ideologia de seus defensores. A produção consistia na fixação de uma cruz de madeira a cada casa do bairro Novo Eldorado para ressaltar a degradação humana naquele ambiente.

Na tarde em que a obra de Mundo foi inaugurada, o coronel Zanda logo informou Jano. No Novo Eldorado, ele [Jano] viu um horizonte de cruces chamuscadas e quis saber que diabo era aquilo: porque tinham construído as casas num cemitério? Onde estava o trabalho do filho? Rindo, o prefeito disse: “Na tua cara Trajano. Teu filho é atrevido: Fez do bairro um cemitério. Bela obra. Mas vamos destruir toda essa porcaria em pouco tempo. Um dia a gente dá um susto nele.” (HATOUM, 2005: 183).

É notável a exclusão social a qual tenta mascarar a miséria excluindo a população pobre. O próprio Hatoum (2006a: 55) declara que, “na cidade planejada segundo um ideário burguês muito mal aclimatado no equador, é preciso pensar em formas de isolamento dos excluídos”. Nesse contexto, os indivíduos a exemplo de mendigos, vendedores ambulantes, indígenas e prostitutas, entre outros, estão à margem do processo modernizador, riscados das políticas públicas. Sobre esse contexto, Hatoum (2006a: 55) afirma que “na nova cidade, os índios e imigrantes pobres tornam-se trabalhadores urbanos, homens e mulheres excluídos de um projeto em que só há lugar para as elites e uma classe média incipiente”.

Em decorrência dessa marginalização, os menos favorecidos têm vidas que, de certa forma, são imutáveis. Como observa Sarlo, (2014: 62), “essas famílias não podem prever, nem planejar, nem projetar. Suas vidas se sintetizam num esforço cíclico e repetido de sobrevivência que lhes consome todo o presente e lhes consumirá o futuro”. Essa realidade do contexto amazônico reafirma o fato de que “o brusco crescimento demográfico de Manaus revela a face perversa de uma modernização inacabada ou falha” (HATOUM, 2006a: 55).

Diante dessa abordagem, presenciavam-se as modificações na urbe e percebe-se que tais transformações contribuem para pautar um meio social fluido, uma multiplicidade do lugar que destaca diferentes espaços e sujeitos. Esse contexto também deflagra-se na pluralidade de culturas que o romance dá relevo, principalmente por meio da focalização no embate cultural entre colonizador e colonizado.

4 | MÚLTIPLAS CULTURAS E SUAS INTERAÇÕES NO ESPAÇO AMAZÔNICO

Cinzas do norte pontua as relações culturais entre povos distintos na Amazônia e destaca os conflitos entre elas. O texto focaliza a figura do colonizador, mostra que ele concebe a cultura local com inferioridade e, por isso almeja a sua suplantação. A mentalidade hegemônica é representada principalmente pelo pai do protagonista, Trajano Mattoso (Jano), importante empresário de origem portuguesa, o qual menospreza as manifestações dos povos locais e regionais por ser tomado pela percepção de uma superioridade cultural.

O perfil do personagem é pautado em várias partes da narrativa, dentre elas o trecho em que ele fala a respeito da tradicional festa folclórica que acontece anualmente em Parintins: “Boi-bumbá, uma asneira. Começam a vadiar nesta época. Em março pedem dinheiro para o festival, e em junho ninguém trabalha mais.” (HATOUM, 2005: 78). O pensamento do empresário é salientado também quando ele presencia o sincretismo religioso nos atos dos índios: “Da varanda, assistiu ao ritual dos mortos, meio indígena meio cristão [...] ‘São como crianças. Um dia rezam para Nossa Senhora do Carmo, outro dia esquecem a santa e a Igreja. A fé dessa gente não está em lugar nenhum.’” (HATOUM, 2005: 73). De sua perspectiva essencialista e eurocêntrica, Jano ignora que “não existe uma fronteira cultural nítida entre os grupos, e sim, pelo contrário, um continuum cultural” (BURKE, 2003: 14), pois “todas as culturas estão mutuamente imbricadas; nenhuma é pura e única, todas são híbridas, heterogêneas” (SAID, 1995: 28).

Por essas posturas, Jano mostra que seu propósito é o do colonizador sobre o colonizado, o de “sabotagem dos valores culturais e sociais” (SANTIAGO, 2000: 15). Esse objetivo decorre de uma concepção imperialista a qual sempre compreendeu que “as raças subjugadas não possuíam a capacidade de saber o que era bom para elas” (SAID, 2007: 70). Essa mentalidade também é exemplificada no romance por meio de histórias sobre o pai de Jano e a construção da Vila Amazônia:

Perguntei por que por que havia tantas pinturas de São Francisco Xavier, feitas por um mesmo artista português. Ele explicou que, no fim da Segunda Guerra, seu pai mandara trazer aquelas imagens para decorar as casinhas dos empregados japoneses. Queria que todos adorassem o santo, mas eles não gostaram da ideia e as devolveram. (HATOUM, 2005: 68-69)

Outro momento em que fica explícita essa tendência de apego do colonizador aos seus próprios valores, práticas e produções culturais em detrimento da cultura local é quando Jano mostra a piscina que seu pai havia construído na Vila Amazônia. É perceptível que o pai de Mundo tenta se firmar na identidade europeia. Ele demonstra ter “uma noção coletiva que identifica a *nós* europeus contra todos *aqueles* não europeus” (SAID, 2007: 34):

Azulejos verdes e vermelhos desenhavam um mapa de Portugal no fundo da piscina,

em cujas paredes estavam gravados nomes de cidades, de reis e rainhas desse mesmo país. “Meu pai dizia que essa decoração era para que se mergulhasse na sua própria pátria”, disse Jano (HATOUM, 2005: 68)

Contudo, vale observar que, embora o colonizador tenha renegado e tentado apagar a cultura local, a fim de impor suas próprias práticas e valores aos colonizados, não houve o êxito pretendido, uma vez que a população regional sempre demonstrou alguma forma de resistência a essas imposições. Para além dos hibridismos culturais, em grande parte provocados pelo próprio processo de colonização, os povos locais procuraram manter os traços de suas culturas e identidades. No texto hatouniano, o ritual dos mortos é uma demonstração dessa perseverança:

Agora muita gente dançava e cantava em homenagem ao artista morto, um dos fundadores do boi vermelho. As vozes e batuques foram aumentando, o chão trepidava, parecia que a metade da população de Parintins estava ali. Subi num banco para assistir à dança, com seus passos ensaiados ao redor de animais de madeira que se moviam lentamente. (HATOUM, 2005: 76)

Assim, as práticas culturais são usadas como importantes ferramentas de luta. Isso fica claro também em uma obra de arte do indígena Nilo, trabalho que pode representar a violência do contato das etnias locais com os colonizadores: “Tirou de uma caixa pequenos objetos de madeira que o índio esculpira duas décadas antes: um rosto desfigurado, ou com expressão dilacerante; homens e mulheres juntos, numa expressão de pavor” (HATOUM, 2005: 106). Com suas manifestações artísticas, os povos nativos buscam reafirmar suas identidades e culturas, diante dessa realidade de violência provocada pela modernização. Assim, apesar de subjugados pelos colonizadores, eles conseguem lutar contra as imposições de culturas externas. Como nos lembra Bhabha (1998: 206), “as forças de autoridade social e da subversão ou subalternidade podem emergir em estratégias de significação deslocadas, até mesmo descentradas”.

O reconhecimento da arte indígena pelo protagonista do romance, que é filho de um representante da cultura europeia, também pode ser visto como uma forma de resistência das culturas indígenas, apontando novamente para a violência desse embate: “Na noite da chegada, Mundo me acordou para dizer que havia encontrado um índio velho e doente. Um artista. Acendeu a luz e mostrou uma pintura em casca fina e fibrosa de madeira: cores fortes e o contorno diluído de uma ave agônica”. (HATOUM, 2005: 69). Essa resistência mostra que as pessoas “possuem vidas e culturas com identidades não totalmente controladas pelos reformadores” (SAID, 1995: 19). Ela reforça, também, a ideia de que “os processos de penetração de culturas hegemônicas na América Latina não supuseram, nem é provável que suponham, uma uniformização aculturada” (ACHUGAR, 2006: 84).

5 | PROBLEMATIZAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

Diante dessa abordagem é notável que o texto hatouniano chama atenção para a multiplicidade étnica, social e cultural na Amazônia ao focalizar um espaço formado com diferentes sujeitos. Essa perspectiva heterogênea questiona olhares que compreendem a Amazônia a partir de uma formatação una ou binária. A narrativa tenta desconstruir estereótipos, como a ideia de “Eldorado” e “Inferno Verde”. A problematização da ideia de Eldorado fica evidente nos cenários de miséria, como o bairro Novo Eldorado. O nome desse espaço remete ao mitológico lugar afortunado. Contudo, nele só há mazelas e sofrimento como é pontuado na fala do protagonista. “Os amigos do meu pai vão inaugurar com pompa. [...] ‘É, vais ver que lindo Eldorado’, disse Mundo. ‘Nem Fogo ia querer morar lá’” (HATOUM, 2005: 144-145). Assim, transformada em nome de bairro, a fonte de riqueza tão sonhada por Francisco de Orellana e Gonzalo Pizarro não passa de mera fantasia.

A ilusão de prosperidade projetada na Amazônia também pode ser lida na sobrevivência de uma única seringueira no novo bairro: “Sobrou uma seringueira. Quer dizer, o tronco e uns galhos, a carcaça” (HATOUM, 2005: 144). A preservação dessa árvore talvez simbolize a lembrança do período de comercialização da borracha, momento em que muitos aventureiros dirigiram-se à região, almejando conseguir grandes riquezas, mas só encontraram exploração, aprisionamento e degradação. Pode expressar também a resistência à destruição provocada pelos processos de modernização.

A crítica mais contundente contra a imagem de uma Amazônia paradisíaca, no entanto, é feita pelo “Campo de cruces”, obra realizada por Mundo no bairro Novo Eldorado, a qual já mencionamos nesse trabalho. As cruces diante de cada casa podem ser lidas como o próprio sepultamento dessa imagem. Um cemitério de sonhos dos muitos que foram para a região buscando enriquecimento e tiveram que aceitar a condição de vencidos, como alguns moradores do bairro, que o livro descreve da seguinte forma: “brasileiros do Maranhão, todos pobres, só com os farrapos do corpo. Ela trabalhava num babaçual. Veio atrás de fartura, não encontrou nada” (HATOUM, 2005: 273).

Já a imagem de “Inferno Verde” é questionada, no livro de Hatoum, pela recusa do estereótipo da “Amazônia genesíaca”, da imagem do espaço construída a partir da ideia de isolamento e virgindade da floresta, desdobrada na ingenuidade e no exotismo da população local. Contrapondo-se a esse estereótipo, a narrativa expõe uma região multifacetada e heterogênea. Focalizando principalmente a cidade de Manaus, a Amazônia hatouniana é formada por diversas influências culturais, econômicas, sociais e políticas, em decorrência da ação de diferentes sujeitos.

A adaptação estrangeira nesse espaço também confronta o discurso do “Inferno Verde”, baseado numa suposta impossibilidade de se viver na região por muito tempo, colocando em pauta a migração de caráter duradouro. Esse movimento de

chegada e permanência de povos distintos mostra uma Amazônia que, apesar de todos os problemas, é ocupada por pessoas que procuram, sim, um lugar para viver, como o médico japonês Kazuma San, o próprio Jano (que é de origem portuguesa) e mesmo muitos dos nordestinos que foram para a região seduzidos pela ilusão de riqueza.

O questionamento das imagens essencialistas é uma reivindicação da pluralidade, uma forma de luta contra discursos homogeneizantes. Achugar (2006: 155) pondera que, “a heterogeneidade foi e é, de algum modo, uma reivindicação e uma característica do discurso de resistência, diante de um projeto homogeneizante”. Canclini (2015: 9) também aponta para isso ao afirmar: “Quero dizer que reivindicar a heterogeneidade e a possibilidade de múltiplas hibridações é um primeiro movimento político para que o mundo não fique preso sob a lógica homogeneizadora”.

Partindo dessa premissa, não é infundado pensar que Hatoum, por meio de sua obra, tenta desconstruir imagens e discursos os quais atribuem um aspecto essencialista a esse lugar. O conceito de “desconstrução” definido por Derrida (2012) cabe nessa percepção reflexiva, porque o escritor manauara, de certa forma, desestrutura a imagem estereotipada dessa região ao se distanciar da concepção hegemônica, ostentando um espaço plural. Sobre tal conceito, Derrida menciona:

Então, a desconstrução, evidentemente, podemos considerar que consiste justamente em colocar os ladrilhos do avesso, enfim, a perturbar a ordem. Mas consiste também em interrogar-se sobre o que não funciona na ordem. Sobre o que na ordem é uma desordem, o que a ordem oculta como desordem. A desconstrução não consiste apenas em recolocar ordem, mas se interessa pela desordem. (DERRIDA, 2012: 138)

Portanto, é possível compreender que Milton Hatoum tenta desmontar a imagem de fixidez da Amazônia, que foi forjada ao longo do seu processo histórico de ocupação. Essa tentativa de desconstrução é feita por meio do realce da multiplicidade. O autor, ao pontuar o aspecto plural, de certa forma, coloca do avesso discursos e imagens engessadas.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se observou nessa reflexão, a Amazônia é bastante diversificada, tanto no que se refere ao espaço quanto aos sujeitos e, nesse cenário são múltiplas as interações sociais e culturais. Desse modo, a identidade dessa região não repousa em uma essência. Diante disso, as imagens homogeneizantes que insistem em estereotipar esse lugar não se sustentam em uma experiência. Elas foram pensadas e fomentadas a partir de discursos fantasiosos e ideias de dominação do projeto colonialista.

Compreende-se que, ao invés de se fomentar pensamentos engessados e de se olhar as questões socioculturais por uma perspectiva vertical, deve-se ter uma

ótica mais rizomática. Assim, não se negam as diferenças e, então, as relações de alteridade se sobressaem. Partindo dessa constatação torna-se importante tecer reflexões sobre a Amazônia para problematizar estereótipos que inviabilizam um olhar mais alargado à diferença no espaço cultural e social, favorecendo os conflitos entre os sujeitos. É válido mencionar que essas abordagens de vieses culturalistas potencializam o campo epistemológico e ampliam os debates entorno da região.

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**: estudos efêmeros sobre arte, literatura e cultura. Tradução: Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. Tradução: Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. Tradução: Heloisa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: Editora da USP, 2015.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro. Editora 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Tradução: Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução: Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2015.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

HATOUM, Milton. **Cinzas do norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. Amazonas capital Manaus. In: NUNES, Benedito; HATOUM, Milton. **Crônica de duas cidades – Belém e Manaus**. Belém: Secult, 2006a, p. 49-70.

_____. Milton Hatoum. **Digestivo cultural**, São Paulo, 1 maio 2006b s/p. Entrevista concedida a Julio Daio Borges. Disponível em: <https://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=1&titulo=Milton_Hatoum>. Acesso em: 05 abr. 2018.

_____. Entrevista com Milton Hatoum. **Claraboia**, Jacarezinho, v.5, p. 129-135, jan./junh., 2016. Entrevista concedida a Danivia Cassiano Feliciano e Letícia Barboza. Disponível em: <http://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/viewFile/762/pdf_67>. Acesso em: 10 mai. 2018.

PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. In: CRISTO, Maria da Luz pinheiro (org.) **Arquitetura da memória**: ensaios sobre romances *Dois irmãos*, *Relato de um certo oriente* e *Cinzas do norte* de Milton Hatoum. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/ UNINORTE, 2007, p. 98-118.

SAID, W. Edward. **Cultura e imperialismo**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Orientalismo**: o oriente como invenção do Ocidente. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTIAGO, Silvano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SARLO, Beatriz. **A cidade vista**: mercadoria e cultura urbana. Tradução: Mônica Stahel. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

SLATER, Candace. Resenha *Dois irmãos*. Tradução: Ana Maria Furtado. In: CRISTO, Maria da Luz pinheiro (Org.) **Arquitetura da memória**: ensaios sobre romances *Dois irmãos*, *Relato de um certo oriente* e *Cinzas do norte* de Milton Hatoum. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/ UNINORTE, 2007, p. 352-355.

WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia**: expansão e decadência. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: HUCITEC, 1993.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA: Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abolição da Escravatura 88, 90, 91, 93, 94

Amazônia 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 11, 88, 89

Análise 1, 2, 13, 17, 24, 34, 48, 49, 88

Árabes 68, 69, 70, 75, 78

Autor mineiro 48, 49

C

Cinzas do Norte 1, 2, 3, 6, 10, 11

Conhecimentos 26, 51

Conservadores 64, 65, 80

Crítica 8, 15, 17, 23, 44, 46, 68, 75, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87

Crítica Textual 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87

D

Direitos Humanos 60, 63, 66, 82

E

Eça de Queirós 5, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Ensino 24, 25, 27, 28, 29, 32, 95

Estados Unidos 61, 68, 69, 70, 75, 76, 78, 87

F

Fascistas 80

I

Imaginário Religioso 48

Imigração 60, 61, 62, 63, 66

L

Leitor 13, 14, 24, 29, 34, 35, 37, 44, 45, 51, 55, 58, 77, 78, 85

Literatura 10, 11, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 48, 58, 59, 60, 68, 69, 71, 79, 80, 82, 85, 86, 87, 90, 94

Lucíola 12, 13, 15, 17, 22, 23

M

Machado de Assis 13, 23, 80, 82, 85, 86, 87

Milton Hatoum 1, 2, 9, 10, 11

Muçulmanos 68, 69, 70, 74, 75, 76, 78

N

Narrativa Fantástica 34, 38

Narrativas Oraís 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32

Natureza Literária 1

Negro 52, 63, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94

O

Obra Literária 37, 42, 68, 78

P

Pará 3, 24, 29, 94, 95

Parauapebas 24, 29, 31, 95

Poder do Senhorio 88, 89, 91

Processos Migratórios 1, 2

Propostas 26, 29, 32, 39

R

Reflexões 10, 24, 41, 42, 55, 56, 58

Refugiados 60, 61, 62

Representações Femininas 12

Resistência 7, 8, 9, 26, 69, 80, 81, 87, 88, 89, 91, 93

Romances 2, 10, 11, 12, 13, 22, 69

S

Sala de aula 24, 25, 28, 29, 31, 32

Senhora 6, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 83

T

Texto Literário 37

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-635-5



9 788572 476355